



**CONTEUDISMO, LIQUIDEZ EDUCACIONAL E ANSIEDADE:
Um olhar a partir de Paulo freire e Zygmunt Bauman
CONTENTISM, EDUCATIONAL LIQUIDITY AND ANXIETY:
A view from Paulo Freire and Zygmunt Bauman**

Camila Santos de Oliveira¹
Felipe Luis Gomes Figueira²

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é compreender, a partir dos pensamentos de Paulo Freire e Zygmunt Bauman, de que modo que a educação conteudista pode, ao contrário do que parece, culminar em uma liquidez educacional. Visto que por mais contraditório que pareça, em uma sociedade da informação, torna-se fácil acreditar que quanto mais conteúdos maior é a solidez intelectual, e, conseqüentemente, os efeitos gerados por essa carga de excesso não é um caminho tão simples assim, conforme evidencia-se nesse trabalho.

Palavras-chaves: Paulo Freire. Zygmunt Bauman. Concepção bancária. Liquidez educacional. Ansiedade.

ABSTRACT: The objective of this work is to understand, from the thoughts of Paulo Freire and Zygmunt Bauman, how content education can, contrary to what it seems, culminate in educational liquidity. As contradictory as it may seem, in an information society, it becomes easy to believe that the more content the greater the intellectual solidity, and, consequently, the effects generated by this excess load is not such a simple path, as evidenced in this work.

Keywords: Paulo Freire. Zygmunt Bauman. Banking conception. Educational liquidity. Anxiety.

¹ Graduação em Química pelo Instituto Federal de Educação do Paraná - IFPR. camilaoliv381@gmail.com

² Doutor em Educação pela UNESP de Marília e Pós-Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: felipe.figueira@ifpr.edu.br



“Em relação à hoje e à nossa própria condição, creio que estamos diante de uma situação nova na história, porque temos que ser libertados de uma sociedade rica, poderosa e que funciona relativamente bem.” (BAUMAN, 2001, p.23).

INTRODUÇÃO

Questionar-se sobre a forma que vivemos, as atitudes que tomamos, os fatores que nos influenciam, as causas dos nossos fracassos, ou o que nos leva a nos sentir sufocados em um mundo desenvolvido com campos científicos, tecnológicos, culturais, econômicos e sociais estabelecidos, gera um paradoxo e um imenso esgotamento mental. Mediante as palavras de Bauman, (2001), destacadas na epígrafe, muitas vezes os sujeitos da sociedade contemporânea, que lutaram em busca da liberdade, atualmente desconhecem o seu real significado e conseqüentemente encontram-se presos a um cenário de condições, em que o ser, indivíduo, é valorizado pela sua capacidade de ser multifacetado, competitivo e plenamente produtivo, em que o caos, ou melhor, o tédio, é uma ação repudiante, sendo o descanso em nossa atual sociedade sinônimo de atraso, posto que devemos sempre estar em constante produtividade, prontos para cada evento, com ações e atitudes definidas e estabelecidas a fim de atender a todas expectativas que a sociedade familiar, escolar, industrial, científica, dentre outras, depositam sobre cada cidadão. Dessa forma, partindo da construção da sociedade contemporânea, o presente trabalho busca decifrar como os fatores provenientes das transformações que constituem a sociedade afetam o “ensinar” e o “aprender” de forma a propagar uma educação líquida caracterizada pelo excesso de conteúdos e propósitos. É importante deixar claro que o presente artigo não busca denunciar os fracassos sociais, nem tampouco colocar a educação contemporânea no banco dos réus, mas enunciar que o currículo é um assunto fundamental para quem se envolve com a educação, o qual não se deve confundir com



conteudismo, visto que, no caso de uma formação crítica, essa propagação deve ser eliminada em nome de uma cultura capaz de promover a paz e uma formação genuína.

O ímpeto de nos aprofundarmos nessa linha de estudo se deu mediante a experiência de sentirmos e convivermos com os fatores e impactos aqui enunciados. Considera-se que a maneira em que vivemos no século XXI contribui significativamente para com os sintomas de ansiedade, e, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), o Brasil tem o maior índice de pessoas com transtorno de ansiedade no mundo, entre junho de 2020 e julho de 2021, foram avaliados mais de 84 mil registros, oriundos de toda e qualquer transformação social (COSTA, 2019). Essa contribuição não afeta somente os comportamentos, costumes e relações pessoais e sociais, mas constrói uma sociedade depressiva, exausta e desumana, corrompendo as salas de aulas, o desenvolver da educação, o processo que nos leva à construção do conhecimento é radicalmente impactado pelos diagnósticos de cansaço. Em termos metodológicos, o presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica qualitativa, a qual, segundo Lakatos e Marconi “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (LAKATOS, 2003, p, 183). Dessa forma, a revisão bibliográfica qualitativa assume um papel de grande importância na obtenção de resultados assegurados por obras fundamentais para a construção do conhecimento acerca do tema abordado. Entretanto, sua importância não se configura somente na obtenção de resultados, mas em uma releitura crítica de obras capazes de proporcionar uma correlação entre os fatores observados no passado, com o atual momento. O problema geral que sustenta a construção do presente trabalho configura-se na relação entre excesso e currículo, em outra chave, entre conteudismo e fracasso acadêmico. Dessa forma, se fez preciso a busca por teorias e ideias acerca da educação e da sociedade, de modo a conduzir a comunidade pedagógica a compreender a importância da



humanização na construção do processo de ensino, a partir de um diálogo entre a crítica de Zygmunt Bauman à contemporaneidade e a concepção bancária de educação analisada por Paulo Freire, com o intuito de apresentar a importância da preocupação com o ensino. Assim sendo, daremos destaques às obras “Modernidade Líquida” e “Amor Líquido”, de Bauman, e “Pedagogia do Oprimido” e “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire.

PAULO FREIRE E ZYGMUNT BAUMAN: aproximações, contemporaneidade e conteudismo

A expressão “ser contemporâneo”, definida por Giorgio, expõe que para coexistir nesse período qualificado como contemporaneidade é preciso “(...) manter fixo o olhar no escuro da época, mas também perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós (...)” (GIORGIO, 2009, p.65). A definição desse filósofo nos leva a compreender a percepção de escuro, não como uma ausência de luz, mas como uma virtude, ao observar o que há no escuro, ou seja, os acontecimentos e as relações sociais em meio a uma era de grandes catástrofes. Paulo Freire, educador e filósofo, nasceu em Pernambuco em 1921, quatro anos mais velho que Zygmunt Bauman, professor e sociólogo, que nasceu em Poznan, Polônia, em 1925. O que une Freire e Bauman, além de suas críticas ao sistema social, e o pensamento de autonomia e liberdade, como também os cenários aos quais viveram em meio a um mundo bipolarizado, são as conclusões referentes ao cenário neoliberal mascarado, mas presente na sociedade.

Freire vivenciou um cenário social transformado pela Ditadura Militar em 1964, o qual foi preso durante 70 dias por ensinar crianças de classe baixa, pobres, sendo ele acusado de subversão, ou seja, pelas críticas direcionadas à política e à ordem social (LIMA, 2014). Da mesma forma, Bauman vivenciou um cenário modificado pela ordem



social e pela política econômica presente na sociedade. Em 1939, no início da segunda Guerra Mundial, a tropa nazista invadiu a Polônia, levando Bauman e sua família a abandonarem suas terras, se refugiando na União Soviética. Como Freire foi exilado no Chile, Bauman exilou-se em Israel, os motivos de tais expulsões configuram-se na visão realista dos autores perante a política social e as transformações, que atualmente vêm sendo propagadas na sociedade contemporânea. Dessa forma, compreender a sociedade contemporânea mediante a visão de Bauman e Freire, é trilhar um caminho de relações sociais e educacionais perante um cenário fluido e excessivo.

Em seu livro “Modernidade Líquida”, publicado em 1999, Bauman compreende que a sociedade passou por diversos moldes desde os primórdios até chegar em nosso cenário atual. Dessa forma, considera que a contemporaneidade é fruto de um objetivo social, o objetivo de repudiar toda autoridade e responsabilidade que os tornavam dependentes, como a política, a religião e as tradições. Sua visão sobre a sociedade contemporânea configura-se em sociedade sólida e líquida, pois o sociólogo caracteriza as transformações sociais mediante o termo *derretimento*, essa metáfora é utilizada por Bauman com o intuito de nutrir a convicção de que a sociedade atual, séculos XX e XXI, vive em um estado de liquidez, por consequência de um derretimento, derretimento das estruturas conservadoras. Dessa forma, é convidativo pensarmos quimicamente, um sólido é consequência de uma ligação química que agrega os átomos e arranjos estruturais de maneira que tenha consistência, durabilidade. Diferente do líquido, tal caracterizado pela sua fluidez, sem rigidez, possui uma distância entre as moléculas que possibilita que o líquido se adapte a qualquer meio (BAUMAN, 2001). Mediante esse contexto, Bauman ilustra que constantemente a sociedade sólida torna-se líquida, com o intuito de adaptar-se aos diferentes cenários e condições. Entretanto, na degradação do velho, ou, como considera o sociólogo, no derretimento da sociedade sólida, a vida social é baseada no consumo e as relações de obrigatoriedade/responsabilidade passam a ser dirigidas pelo



capitalismo, tornando a economia a base das relações sociais na sociedade contemporânea. Aqui, podemos visualizar uma das causas da degradação segundo Bauman, o capitalismo, o responsável pela divisão da sociedade em pequenos grupos: os que foram e os que não foram à Disney (SUASSUNA, 2012).

Uma das consequências de ser contemporâneo é o cansaço mental, provindo do excesso, das relações vazias e temporárias, das pressões e adequações aos cenários políticos e sociais. Tudo cansa, a modernidade, o conteudismo, a liquidez educacional, a competição, a busca por uma identidade, pelo sucesso, viver em função da massa gera um cansaço mental que ocasiona sintomas físicos e emocionais. O filósofo Byung-Chul Han, em seu livro *"Sociedade do cansaço"*, publicado em 2010, defende que a sociedade do século XXI é uma sociedade do desempenho constituída por sujeitos de produção. Han (2015, p.15), ilustra que a sociedade dos sólidos consistentes apresentada por Bauman, dominada pelo não, gerava loucos e delinquentes, e a sociedade de hoje, líquida, gera depressivos e fracassados, pois acreditam que devem ser melhores e únicos ao ponto de atender a todas expectativas.

Dessa forma, os sujeitos instintivamente creem que são capazes de ser perfeitos, bastando apenas se esforçar, e focar nos objetivos centrais impostos, negando a possibilidade do erro. Para Han, isso é visto como um controle neural, como se pudéssemos controlar o fluxo sanguíneo que percorre o nosso corpo, da mesma forma os indivíduos acreditam que possuem o controle sobre tudo e todos ao mesmo tempo, gerando apenas um excesso de produção, que futuramente resulta em um esvaziamento de si próprio, sentindo-se insuficiente, ansiolítico e depressivo, constituindo uma violência exaustiva (HAN, 2015). Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, (1968), temia exatamente o que Bauman apresenta: um avanço na globalização, o que consequentemente fomentaria o capitalismo neoliberal. A teoria que Paulo Freire defende contradiz, em termos, o cenário contemporâneo. Freire sustenta a necessidade de



autonomia do sujeito, um sujeito livre, transformador e pensante, diferente do sistema neoliberal, o qual objetiva somente o controle e a precificação. Destarte, é notória a compreensão de contemporaneidade como um cenário de domesticação, explícita por Freire. Segundo o pernambucano, a dominação afeta diretamente a prática da liberdade na educação, pois sustenta o educando em uma posição de acomodação, desumanizando-o (FREIRE, 1996, p.53). Dessa forma a sociedade sólida, estruturada, passa a ser uma sociedade líquida enfraquecida, caracterizada por crises, e pela incapacidade de ser afetivo com o outro. Assim, Bauman aponta:

(...) “Derreter os sólidos” significava, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações “irrelevantes” que impediam a via do cálculo racional dos efeitos; como dizia Max Weber, libertar a empresa de negócios dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e da densa trama das obrigações éticas; ou, como preferiria Thomas Carlyle, dentre os vários laços subjacentes às responsabilidades humanas mútuas, deixar restar somente o “nexo dinheiro”. Por isso mesmo, essa forma de “derreter os sólidos” deixava toda a complexa rede de relações sociais no ar — nua, desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios, quanto mais para competir efetivamente com eles (BAUMAN, 2001, p.10)

O objetivo de “eliminar as obrigações” cria-se uma percepção de ausência de peso, construindo uma sociedade mais rápida. A liquidez exposta por Bauman está entrelaçada com o fato da humanidade associar a leveza com movimento, se estamos mais leves nos movimentamos com mais rapidez, ou seja, não se deve carregar coisas pesadas. É sob essa perspectiva que tantas vezes direitos trabalhistas são retirados, sob a pecha de que o mercado assim demanda. Ora, o que pode ser considerado mais pesado, um líquido ou um sólido? Existem líquidos muito mais pesados do que muitos sólidos, a densidade química exemplifica a existência dessas substâncias, exemplo a densidade do mel, já que o peso está ligado à massa. Mas, a percepção de fluidez e adaptação cega a sociedade, pois creem que o sucesso é provindo da velocidade em que os sujeitos se desprendem do



conhecimento antigo em nome de novas aptidões. Conforme explicita Bauman, somente foi dissolvido o que a humanidade desejou que permanecesse mesmo após o fluxo, ou seja, as transformações. Entretanto, cabe-nos visualizar que todo o processo de degradação não ocorreu a fim de exterminar todos os valores, tradições, princípios e crenças, mas sim com o intuito de redefinir o sistema capitalista, visto como uma armadura protetora social, tornando o mundo individualista, imprevisível e administrável. A superficialidade das relações aqui apresentada como relações fluidas, para Bauman, é uma consequência provinda de uma sociedade líquida modificada pela ética do mercado, em que a vida passa a ser materializada. (BAUMAN, 2001). Nesse sentido, Paulo Freire, na obra *Paulo Freire e a Educação Popular*, mostra que somente a educação é capaz de reverter esse cenário em que o ser humano passa a ser coisa, ou invés de ser mais (GADOTTI, 2007).

Entretanto, essa visão não se limita somente a Freire e Bauman. O filósofo Friedrich Nietzsche, ao criticar o modelo pedagógico aplicado na Alemanha no século XIX, considera que há uma aplicação de interesses materialistas nas práticas educacionais decorrentes da modernização do capitalismo. Mediante a consideração de Nietzsche, somos conduzidos de forma clara a visualizar a dicotomia presente na valorização dos docentes, em que são considerados por suas habilidades de cooptação de estudantes, ou seja, de conduzir os alunos a seguir regras e objetivos, que naturalmente é visado por uma liderança externa, e não por suas capacidades intelectuais, como a sua formação (NIETZSCHE, 2008, p.21). Inegavelmente, estamos diante de uma sociedade que se mantém sob uma corrida sem destino, porém que evolui a cada segundo, seja tecnologicamente, cientificamente ou economicamente, em busca de novos aparatos, conhecimentos, informações, modos de vida, técnicas alimentícias, construção de novas leis e significados. Contudo, vivemos em uma dicotomia entre o excesso e a escassez, em que não existe relação entre o sujeito e o objeto, não existe desejo em se ter pela



necessidade de utilização, e sim de se ter pelo fato de possuir e logo descartar, dessa forma o intuito não é ter e sim rejeitar. Tais pensamentos encontram eco no pensador indígena Ailton Krenak:

(...) Inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza, fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem -, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2019, p.16-17).

A maneira com que a sociedade líquida interfere na forma em que vivemos/sobrevivemos, coopera de forma crescente para problemas psicológicos, sociológicos, ambientais e educacionais. Consequentemente, essa corrida leva a uma relação frágil e temporária entre os cidadãos, tornando-os solitários, alienados, impotentes, frustrados, individualistas, doentes e literalmente asfixiados em seu próprio fluxo de informações, escravos de suas bagagens.

(...) José Mujica disse que transformamos as pessoas em consumidores, e não em cidadãos. E nossas crianças, desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes. Não tem gente mais adulada do que um consumidor. São adulados até o ponto de ficarem imbecis, babando. Então para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões. (KRENAK, 2020, p.24-25).

De fato, estamos diante de uma crise existencial, gerada pelo isolamento social e pela separação de classes imposta pela ordem neoliberal, uma cultura antidialógica e antirrelacional segundo o pernambucano Paulo Freire. Até aqui, podemos visualizar a contemporaneidade como um cenário repleto de opressão para Freire, o que se



materializa, também, no pensamento de Bauman, o qual a define como uma sociedade desumanizada.

LIQUIDEZ EDUCACIONAL

Na sociedade líquida, há uma crise de identidade, há uma escassez (ou excesso) de referências, sejam elas ética, religiosa, moral ou ideológica, pois tudo tornou-se utilitário, desde um objeto a uma pessoa, o valor é empregado à utilidade. Com os objetos, os que sobram viram lixo. Para Freire, o único caminho capaz de libertar o ser humano dessa opressão social e do isolamento, que, segundo Bauman, é o que gera essa crise de identidade social, é o processo de uma educação dialógica, visto como um instrumento de conscientização. Entretanto, essa conscientização do mundo não deve se restringir somente ao conhecimento estrutural, e sim à ação, atitudes, a fim de “tomar posse” da realidade, e das transformações que nela ocorrem. Assim Freire se expressa:

(...) Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? (FREIRE, 1968, p.31).

A práxis, através do diálogo, defendida por Freire, objetiva humanizar o ser humano líquido desumanizado, apresentado por Zygmunt Bauman, pois, embora o derretimento tenha gerado grandes transformações na sociedade, o cenário educacional visto, como um poderoso mecanismo de humanização, ainda permanece íntegro (ou assim queremos entender), um sólido que não passou pela degradação, e que se tem o conteudismo em destaque como um dos reflexos da contemporaneidade, o que nos leva a questionarmos: Por qual motivo ainda é conservada uma herança dos séculos XVIII e XIX



em pleno século XXI? O que torna esse sólido mais resistente que o bem-estar do ser humano? Pode a mente humana dominar o que a mente humana criou? (VALÉRY *apud* BAUMAN, 2001, p.7).

Bauman analisa o conteudismo cravado no currículo educacional como uma face da liquidez, um excesso capaz de contribuir para com o fracasso escolar e não mais para com o processo de aprendizagem. Dessa forma, Bauman, (2001, p.75) afirma que: “(...) a infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha.” Complementa Freire, (1968), em “Pedagogia do Oprimido”, onde destaca esse conteudismo como raiz do problema, aqui subentendido como concepção bancária. O currículo educacional é um documento de suma importância não só para a educação, mas também para cultura e para política de um país. Sua função é estabelecer e guiar o processo de ensino, apontando o que deve e o que não deve ser ministrado em sala de aula. Não cabe a esse trabalho criticar de modo pormenorizado o papel do currículo e nem as suas demandas, mas analisar genericamente a sua estrutura mediante as transformações sociais, visto que tudo e todos na sociedade são afetados por inúmeros fatores, e a educação não é uma substância inerte. Percebe-se que ao longo do desenvolvimento da sociedade a educação foi ganhando visibilidade, novos métodos e práticas, novas tecnologias voltadas para a educação, porém custou um preço que muitos não conseguem visualizar. Para que a educação se tornasse “fonte de sucesso” os sujeitos deveriam ser formados com um único objetivo determinante, sujeitos produtivos. É emblemático o diálogo que Daniel Pennac (menino-aluno) terá com Daniel Pennac (professor-escritor):



- Ande, você, que sabe tudo sem nada ter aprendido, qual é o *meio* de ensinar sem estar preparado para isso? Existe um método?
- É o que não falta, só dá nisso, métodos! Vocês passam o tempo a se refugiar nos métodos, enquanto, no fundo, sabem muito bem que o método não basta. Falta-lhe algo.
- O que é que lhe falta?
- Não posso dizer.
- Por quê?
- É um palavrão.
- Pior do que “empatia”?
- Sem comparação. Uma palavra que você não pode pronunciar numa escola, num liceu, numa faculdade, ou em nada que se assemelhe a isso.
- A saber?
- Não, verdade, não posso...
- Ande, vá!
- Não posso, estou lhe dizendo! Se você soltar esta palavra falando de instrução, vai ser linchado.
- ...
- ...
- ...
- O amor. (PENNAC, 2008, p. 234).

Dessa forma, toda descoberta na sociedade obrigatoriamente torna-se objeto de estudo e de implementação nas instituições. Enfim, até aqui não há nenhum problema já que o conhecimento deve ser constante. Porém, quando esse conhecimento deixa de ser bom e passa a ser um excesso de informações, não ocorre um desenvolvimento constante, mas constitui uma “cabeça cheia” e não mais pensante nem crítica, tampouco criativa, e é aqui que perdemos o real significado do processo de ensino-aprendizagem. Segundo o sociólogo Edgar Morin, em sua obra “*A cabeça bem feita*”, “(...) uma cabeça bem feita é uma cabeça apta a organizar os conhecimentos” (2002, p.20) e Paulo Freire, descreve que “(...) a concepção bancária é como um homem que torna-se uma presa do mundo, e este um eterno caçador, cujo seu objetivo é enchê-lo de pedaços seus” (FREIRE, 1968, p.87). Nesse horizonte, mediante a (figura I), é possível compreender como a concepção bancária leva a uma liquidez educacional.

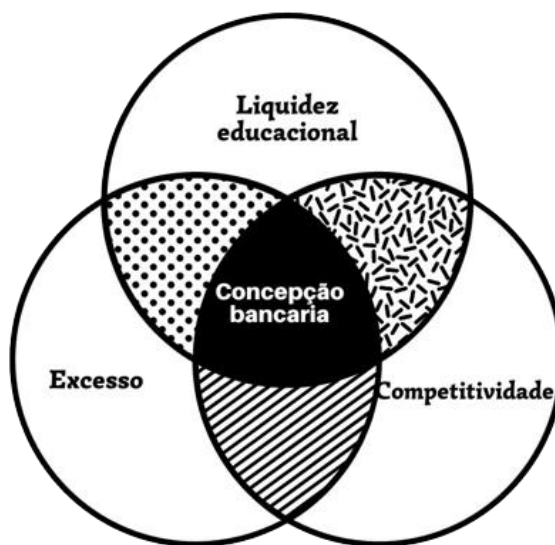


Figura I: Fatores que contribuem para com a liquidez educacional.

Fonte: DOS AUTORES, 2022.

Em pleno século XXI, o conteudismo empregado pela concepção bancária ainda se configura nas instituições de ensino, aqui tendo como objeto de exemplificação as universidades do Brasil, fomentando tantas vezes a competitividade e o excesso (figura I). Os educandos chegam ao ensino médio na expectativa de criar uma identidade por meio do “o que eu quero ser”. Entretanto, no ensino médio o estudo é voltado para a realização dos vestibulares, mesmo que esse não seja um desejo dos alunos. Enquanto graduados e docentes, já nos deparamos muitas vezes com justificativas para o excesso de conteúdos e atividades, como “*temos que estudar, porque cai no vestibular*”. E quando os mesmos adentram uma faculdade, seja ela pública ou privada, percebem que todo aquele conteudismo não foi o suficiente, na verdade foi um excesso, e agora um novo



excesso será solidificado, mais uma vez o conteudismo será empregado na esperança de atender a todos os requisitos do grande mercado, a sociedade.

O perigo do excesso curricular não está somente na superficialidade com que os conteúdos são trabalhados, mas nos impactos psicológicos que essa correria evidencia. Pensem conosco: estamos hoje mediando os educandos a construírem seus conhecimentos ou apenas formando operadores de máquinas? Talvez não haja uma única resposta para essa questão, em uma sociedade que vê o ser humano pelas suas habilidades, por isso que é tão difícil fazer educação. Ao escrever o presente artigo, a autora se encontrava no quarto ano de sua graduação em Química e se perguntava, em meio a angústias: estou preparada para lecionar? Em vista de conteúdos, até pode ser, já que foram tantos, mas, e psicologicamente? A conclusão foi a de que não tinha respostas para isso e, conseqüentemente, se via perdida em meio a tantas informações, já tendo em vista que seria preciso ensinar seus futuros alunos que uma molécula de água poderia construir uma caverna. Mas, também, precisaria ensiná-los a calcular a medida de todas as espécies presentes na água capazes de neutralizar os ácidos, porém, muitos não saberão o que são ácidos. E a docente ainda deverá capacitá-los de modo que consigam assimilar essas teorias com os fatores ocorrentes no cotidiano, como exemplo, compreender a chuva ácida, mas certamente não terá muito tempo, pois são no máximo duas aulas por semana, e é claro que nem todos alunos estarão no mesmo nível. Além de todos esses complexos fatores, ainda há aqueles que durante toda a aula só pensam nos problemas deixados em casa, e mais um punhado de preocupados com o que está acontecendo na sociedade, e o restante se perguntando “será que isso cai no vestibular?” O excesso de conteúdos na licenciatura pode até me tornar uma pessoa rica de informações, mas isso não me ajudará a lidar com toda essa demanda típica do ser humano.

É diante do que foi dito anteriormente que percebemos que a educação (in)conscientemente contribui para com a liquidez educacional. Essa concepção bancária



leva a um excesso, a uma competitividade entre o bom e o ruim, entre o tempo e a quantidade de conteúdos, entre o aprender e armazenar, sendo um dos pilares da liquidez educacional. É notório que o processo de ensino-aprendizagem já não procede em aprender para compreender e ser autônomo diante dos fatores presentes no meio em que se vive, mas um processo rápido e intenso que resulta em uma aprovação no final do semestre. Segundo Krenak, (2020), tudo isso é o resultado de uma educação comercializada:

(...) Acho gravíssimo as escolas continuarem ensinando a reproduzir esse sistema desigual e injusto. O que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, chapá-lo de ideias e soltá-lo para destruir o mundo. Para mim isso não é educação, mas uma fábrica de loucura que as pessoas insistem em manter. (KRENAK, 2020, p. 101-102).

Da mesma forma que os alunos sofrem com o sistema curricular, os docentes também são afetados, visto que os professores sempre serão alunos (JESUS, 2008). O currículo demanda que os professores sejam as ferramentas de transmissão de conhecimento, dessa forma devem segui-lo. Por sua vez, Freire expressa que “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.13). Nas universidades os professores capazes de enxergar uma liquidez em meio educacional tentam ao máximo extrair do aluno um diálogo capaz de torná-lo centro na sua formação, humanizando-o. Isso, consequentemente, leva o educando a uma educação genuína, como afirma o escritor Daniel Pennac: “Não era só o seu saber que esses professores partilhavam conosco, era o próprio desejo do saber! E foi o gosto da transmissão que eles me comunicaram. De repente, nós íamos às suas aulas com fome.” (PENNAC, 2008, p. 209). Em contrapartida, a responsabilidade e o excesso de obrigações afetam os docentes levando-os a um corrompimento, tendo a obrigatoriedade de cumprir uma grade curricular depositando informações em seus



bancos/alunos, avaliam pelas habilidades, caracterizam pelo domínio, e desacreditam dos que não conseguem suprir o perfil de um determinado curso (MARQUES, 2016).

Durante todo o desenvolvimento desse trabalho, buscamos levar o leitor a uma autoanálise, como ser humano, uma hora protagonista outra espectador. De forma clara, mas sem deixar de ser nebulosa, é possível ver o quanto a sociedade oprime e exige, e todos esses pontos aqui apresentados geram ansiolíticos e depressivos. Mas pensar em educação como uma contribuidora para esses sintomas psicológicos, entende-se que mesmo a educação sendo um poderoso instrumento de emancipação, o conteudismo ainda é empregado, então não é o ensinar, ou as provas surpresas que são os fatores decisivos que alimentam os ansiolíticos, mas o tempo a eles determinado pelo currículo, conforme se visualiza na Figura II. Pouco tempo para pensar, pouco tempo para fazer, e em muitos casos não há tempo para viver, o que gera o dilema: viver ou estudar? Nós, autores dessa pesquisa, somos ansiosos e nos perguntamos isso todos os dias.

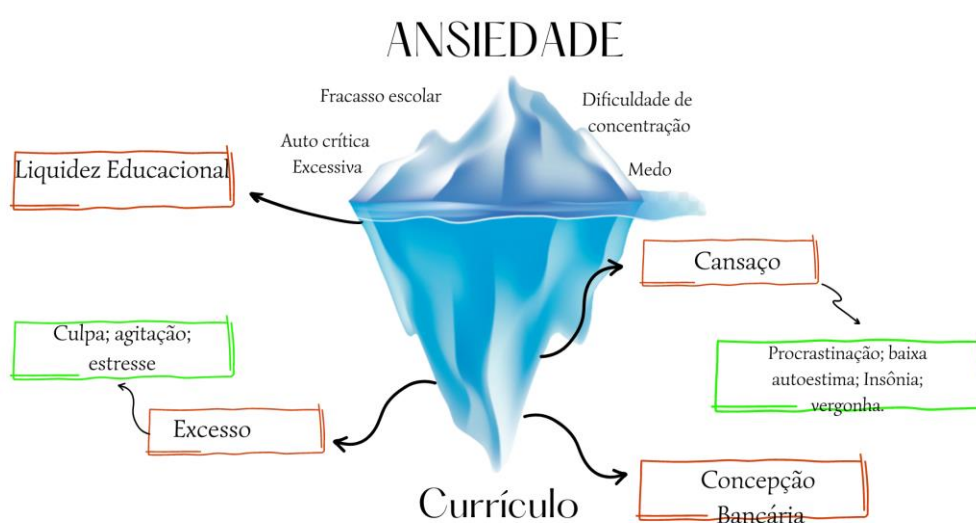


Figura II: Consequências do excesso curricular

Fonte: DOS AUTORES, 2022.



Os educandos já adentram as faculdades com ansiedade, com pressa, com medo do novo, porque em seu imaginário toda a sua trajetória, suas conquistas, já estão literalmente arquitetados, em função de um tempo idealizado e não de um período curricular. O que assusta não é o que vamos aprender, mas o tempo que necessitamos para compreender o que está sendo ensinado, e isso gera medo, autocritica (às vezes, desnecessária), comparações excessivas, estresse, cansaço e constantemente desistência, fomentando o fracasso escolar. Evitar esses impactos no processo de ensino e aprendizagem não é uma tarefa fácil. Educar e aprender é uma luta constante contra o tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar até aqui não foi um caminho fácil, pois a questão mais pertinente, inevitavelmente, foi: "Será que nos desviamos do nosso tema?". E talvez tenhamos nos desviado em meio a muitos parágrafos, tudo bem, desde que o nosso objetivo tenha sido alcançado. Falar sobre uma sociedade em tempo recorde nos levou a novos aprendizados, em que foi possível compreender que esse cerne vai muito além da nossa imaginação, também, concretizou-se a ideia de que a educação é vista com zelo por poucos, e para muitos é somente um produto comercializado e limitado. Triste realidade, Hannah Arendt tinha razão, há uma crise no sistema educacional, e é essa crise que ajuda a unir os pensamentos de Paulo Freire e Zygmunt Bauman. Contudo, encerramos nosso trabalho, acima de qualquer expectativa, lúcidos de que o conteudismo provindo do currículo jamais deve adentrar uma sala de aula, o tempo deve ser determinado por aquele que ensina, tendo como única e suficiente referência aqueles que estão postos diante do conhecimento. Mas, enquanto o sistema curricular não é capaz de enxergar que houve um equívoco, professores tentam se humanizar, humanizando suas aulas, as quais



humanizarão seus discentes. Sejam conscientes da existência de toda opressão e capazes de aceitar a vulnerabilidade do ser humano. Dizer que a educação possui ferramentas capazes de eliminar os sintomas de ansiedade, por parte, seria um lapso. Porém, de fato, está a seu alcance estimular os discentes sem sobrecarregá-los. Por fim, podemos dizer que para que os educandos tenham a capacidade de separar o relevante do irrelevante dentro de uma sociedade capitalista e consumista é preciso que o processo de ensino e aprendizagem se volte à sua essência pedagógica e não mais retrate o ensino por meio de resoluções de inúmeras listas de exercícios, mas busquem um ensino significativo e qualitativo, desde os anos iniciais às formações profissionais.



REFERÊNCIAS

AILTON, K. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **AMOR LÍQUIDO**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Brasil, Zahar, 2004.

COSTA, Camilla Oleiro da et al. Prevalência de ansiedade e fatores associados em adultos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 68, p. 92-100, 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à Prática Educativa. 13^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a educação popular, 2007.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Editora Vozes Limitadas, 2015.

JESUS, AR de. **CURRÍCULO E EDUCAÇÃO**: conceito e questões no contexto educacional. In: Congresso Nacional de Educação. 2008. p. 2638-51.



LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo, SP: Atlas 2003.

LIMA, Paulo Gomes. **UMA LEITURA SOBRE PAULO FREIRE EM TRÊS EIXOS ARTICULADOS:** o homem, a educação e uma janela para o mundo. Pro-Posições, v. 25, p. 63-81, 2014.

MARQUES, Stela. **NEUROCIÊNCIA E INCLUSÃO:** implicações educacionais para um processo inclusivo mais eficaz. Revista Trama Interdisciplinar, v. 7, n. 2, 2016.

MORIN, Edgar. **A CABEÇA BEM-FEITA:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **PRIMEIRA CONSIDERAÇÃO INTEMPESTIVA:** David Strauss, sectário e escritor. Trad. de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008.

PENNAC, Daniel. Diário de Escola. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SUASSUNA, Ariano. Você já foi à Disney? Youtube, 18 abr. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S4zTj2N9ns8>>. Acesso em 16 dez. 2021.